



**“... SABE-SE QUE MUITO PIOR DO QUE NÃO TER UM PAI É TER UM
AUSENTE...”**

A ausência do pai na formação dos filhos

A sociedade jovem moderna tem dado menor valor à figura do pai. Isso porque cada pessoa acostuma-se com a presença dele desde quando nasce. Mas e aqueles que não têm ou perdem seu pai?

Concorda-se que ele faz uma falta imensa. É a pessoa geralmente encarregada de impor limites nas atitudes do filho. Quando às meninas, elas precisam conhecer as diferenças entre o amor masculino e o feminino, necessitam de uma visão masculina sobre o mundo. Essa necessidade torna-se menos intensa na presença de um irmão mais velho, desde que ele esteja disposto a auxiliar na formação do caçula.

Já os garotos sentem falta da pessoa em que se espelha, então geralmente um tio ou outro parente próximo assume o lugar de modelo ao jovem. Mas acredita-se que buscar um pai nos outros apenas aumente o sofrimento.

É preciso lembrar que essa falta pode surgir de uma gravidez não assumida, de um divórcio ou até de uma morte. Em casa caso, as consequências são diferentes, mas, no geral, a falta do pai causa problemas no desenvolvimento da afetividade e da sexualidade.

Para isso, é preciso que o filho não generalize a imagem masculina, não pense que todos os homens são totalmente iguais ou diferentes de seu pai.

Apesar dessa falta que o pai faz na vida do filho, não se trata do fim do mundo. Não significa que todas as crianças que não tiverem um pai terão problemas em seu desenvolvimento. Sabe-se que é possível viver sem a presença paterna, já que uma das

características dos seres vivos é adaptar-se às circunstâncias em que vive. O que importa realmente é o afeto.

Então, se há afeto, não há problemas. E sabe-se que muito pior do que não ter um pai é ter “um ausente” que não pode participar da vida do filho, apesar de estar por perto.

Débora Regina Rossetto